



QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 5 de Novembro de 1931

5

L'OPES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

285

sempre
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 67

ENTRE JORNALISTAS



Magnifica esta carta! Foram-se embora, mas despediram-se e, tão modestamente que nem o Vasconcelos e Sá conseguia dar a noticia nos "Mundanismos". Sic transit gloria mundi.



Os ditos da semana



Atlantique Passou ai o grande paquete «Atlantique» e deixou toda a gente assombrada. Aquilo não é um navio. É uma fatia dos palácios das «mil e uma noites». Tem salas e salões, piscinas e tennis, campos de golf e football, hipodromos e avenidas, tem catedral, tem estatuas, tem marmores e madeiras caras, tem obras de talha e talhas douradas, tem lojas de modas e tem stands de automóveis, tem tudo quanto ha em terra—mas não em todas as terras—e tem mais do que ha em terra, porque tem agua salgada encanada e quilha e mastros e cabines e um bocadinho de enjôo, quando calha, para alegrar e para que se possa distinguir o navio duma cidade qualquer.

Só não tem duas coisas—não tem poeira nem passageiros. Nem, depois de tanta magnificencia, havia lugar para isso...

Pelo norte Um jornal do Porto, noticiando a inauguração do novo matadouro de Gondomar, conta o seguinte:

«No matadouro funciona um posto de cobrição que, a julgar pela amostra, deve prestar excelentes serviços.

O maximo três vezes ao dia... uma vida regrada e calma.

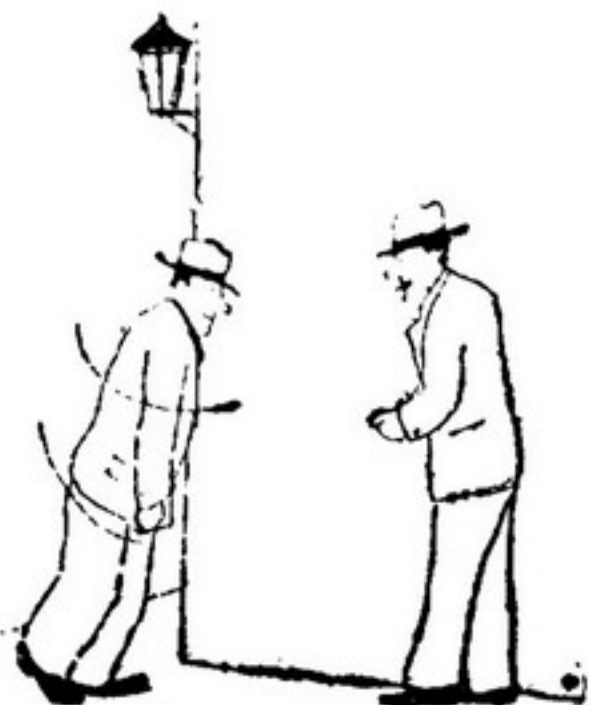
Para que a prole não degenerere—esta resolvido que trabalhe o menos possivel... e a horas certas.

O maximo — três vezes ao dia.

Este posto, no coração da vila, prestará bons serviços aos creadores do concelho.

Para amanhã, dia da inauguração solene, prepara-se uma festa popular.»

Que metodo, que regra! Muito tem o homem que aprender com as bestas! Já agora aguardemos que os crea-



— Não sei como ganhando tu tão pouco, e tendo mulher e cinco filhos, podes ir todos os dias para a taberna.

— E' que eu deixo-os em casa...

PEREIRA DA ROSA



Um almirante da imprensa que conseguiu levar a esquadra até às Costas do Sol sem meter agua nem encalhar nos baixios.

dores do concelho venham contar alguma coisa dos bons serviços que o posto e os respectivos bois lhes vão prestar.

Cacaria Os governos de Cantão e Nanquim chegaram finalmente a acordo. Já não brigam mais um com o outro, porque tem de brigar ambos com o Japão.

Ainda bem. Se não fosse este gesto de bom senso, daqui a pouco já não havia um prato de Cantão para vender nos leilões. Acabava-se a loiça da China transformada em cacaria amarela.

Eutanásia O dr. Killick Midard defendeu em Leicester a eutanásia. Entende ele, e parece-nos que muito bem, que, no caso duma doença incuravel, se deve permitir que o medico abrevie e torne facil a morte do doente.

Se não tem remedio, cava-da ao rabo.

Perdido a remos, perdido a vela.

De mais, ha muitos anos

que todos nós nos eutanasiá-mos, com o pão, com o vinho e mais recentemente com o chouriço e nem por isso nos julgamos mais felizes, porque não ha maneira de morrer depressa.

O D. Sebastião é que tinha razão:

—Morrer mas de vagar.
Killick, dr. Killick.

Fornos crematorios

Descobriu-se em Valença um forno crematorio dos romanos.

Final a novidade dos fornos com que tanta gente se indignou não tinha nada de nova.

Realmente nós não sabemos que já os romanos se tinham visto em tais assados.

De bengala

Na semana passada, publicava o «Diario de Noticias» o seguinte telegrama:

NOVA DELHI, 8.—O vice-rei decretou o alargamento do poder do Governo de Bengala, a fim de combater o movimento terrorista.—H.

Não ha duvida de que a maneira mais eficaz de dominar movimentos terroristas é alargar os poderes do governo de bengala. Sempre assim foi.

Anuncios Vamos lá mais uma vez, recolher do nosso habitual fornecedor os anuncios pitorescos Por exemplo:

Maria A.

Bem de saude anceo falar-lhe pessoalmente.

Maria A. ou, ah! Maria! agora que estou «bem de saude anceo falar-lhe pessoalmente».

Ah! Maria! acauteia-te.

Francisco Valença

Francisco Valença, que além de caricaturista ilustre é também funcionario do Museu Etnologico de Belem, anda por terras do Alentejo, desenhando antas. Segundo nos conta em carta que ontem recebemos, já tem no activo duas caneladas e alguns trambulhões. Sai de manhã com uma merenda debaixo do braço e volta a noite sem ela, o que tudo são prejuizos.

Julga o Valença que o homem prehistorico premeditou, ha cinco mil anos, aquela pouca vergonha, e anda esperançado em apanhar por lá algum deles para um ajuste de contas que o arraze por outros cinco mil anos.

Mais lhe valia ao Valença andar por cá a fazer a caricatura do Julio Dantas, como dantes, do que andar nos antas com que nada adianta. Por tudo isto se acham os nossos leitores privados das suas belas paginas, mas para a semana já cá o temos, como dantes sem antas. Pois «antão»?!

Aparece brevemente:



TEATRO
«RETROZ PRETO...»

NOTÍCIAS do Rio de Janeiro informam que se estreou ali, como autor, um neto da grande actriz Adelina Abranches.

A peça em que ele apareceu intitula-se *Milagres de Santa Teresinha*.

Será um milagre do céu ou de talento?

■ ■ ■

ANTONIO Ferro está trabalhando activamente para o teatro. O *Mar Alto* vai ser representado em Havana; a Paulette já lhe pediu uma peça, e ele tem outra, em três actos, para ser representada este ano.

— Antonio, não te mates! Tu não és de ferro!

■ ■ ■

GOSTARIAMOS de saber quais as peças que o comité da recepção aos criticos estrangeiros recusou para serem representadas na revista de gala em sua honra?

O nome das peças e o nome dos autores.

Ainda veremos alguma das «recusadas» em cena? Qual será o criterio dos criticos?

■ ■ ■

AO almoço dos «Carlos», a que assistiu muita gente de teatro, compareceram varias actrizes.

De duas uma: ou mudaram de nome ou mudaram de sexo.

■ ■ ■

DO *Diário de Lisboa*:

«Intitula-se *O' ai, ó linda!* a nova peça que o actor Vasco Sant'Ana tem entre mãos e que será representada em breve num teatro de Lisboa.»

Se ele a tem entre mãos, melhor será que a peça se chame *O' ai, ó lindo!*

■ ■ ■

O Maria Vitoria já tem mais atractivos, além das lindas actrizes e coristas.

Entre elas ou entre eles, o Costinha que se veste de mulher, tendo já coíós certos, todas as noites, na primeira fila.

Por outro lado, o Antonio Silva mostra as pernas em dois numeros, garantindo os entendidos que não são nada más!

Qualquer dia, temo-los a favor do artístico!

O que quizerá dizer, na sua, o autor da *Cereja da Noiva*?

ERICO



Como bom actor que é, Erico Braga surge-nos, em cada hora, com um aspecto novo. Assim, no proximo domingo, vê-lo-hemos, no Estoril, vestido «á maruja», como nos seus, já muito distantes, tempos de bebé...

Não ha duvida que o fruto, além de vermelho, é tentador!

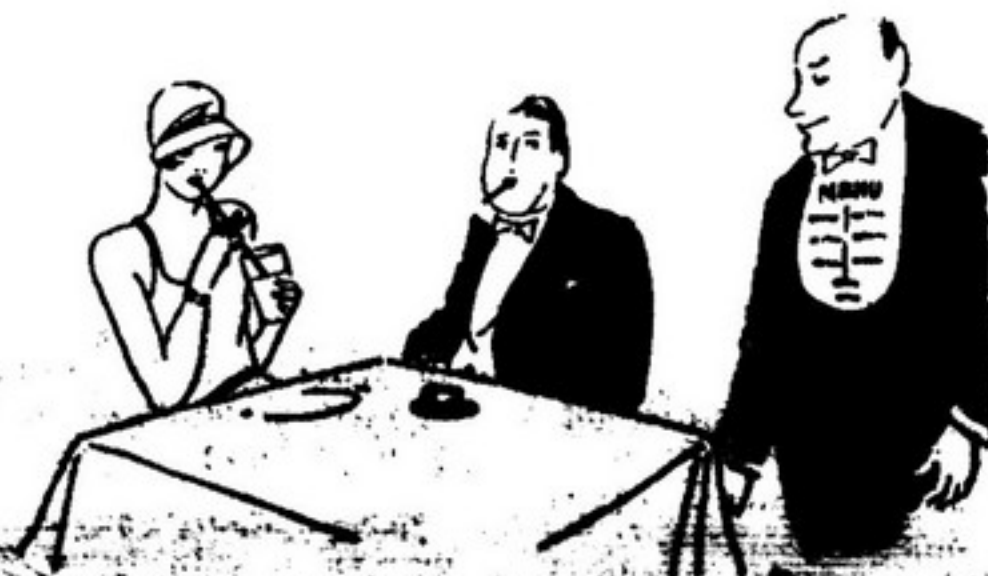
Sant'Ana, do teatro Avenida e de outros teatros, prepararam-lhe uma festa para o dia do seu proximo casamento, se ele se efectuar em Lisboa.

TAMBEM do *Diário de Lisboa*:

«Os colegas do actor Vasco

Parabens ao noivo! E que seja

ECONOMIAS



— O creado: — Foi uma nova medida dos patrões para economisar o preço dos menus...

depressa a cerimonia. Já não o sem tempo!

■ ■ ■

NOTÍCIAM os jornais que Arnaldo de Vasconcelos chegou de Paris.

Não será engano?

Não teria chegado de Vigo?

■ ■ ■

ESTREOU-SE ontem, no Gimnasio, uma comedia intitulada — *O Deltar da Noiva*.

Vimos tudo, menos o que era necessario!

■ ■ ■

CONSTA que o autor Erico Braga, em virtude do exito de critica e publico que obteve na *Boa Sorte*, vai regressar definitivamente ao teatro...

■ ■ ■

APAGARAM-SE as *Duas Chamas*.

De facto, assim é!

Mas não morreu a chama do dramaturgo!

■ ■ ■

ANTONIO Ferro levantou ce-leuma com a sua critica á peça *Duas Chamas*, tendo sido muito discutida a sua attitude.

Arranjou o que se chama uma situação critica!

■ ■ ■

DE vez em quando, recebemos boas noticias do José Climaco.

Como lhe agradou o clima... vai-se deixando estar no Brasil!...

■ ■ ■

DO *Diário de Lisboa*:

«No bar do teatro da Trindade, além do habitual serviço de café e bufete, foram inaugurados outros de leitaria, pastelarias e iguarias, servidos nos intervalos dos espectáculos.»

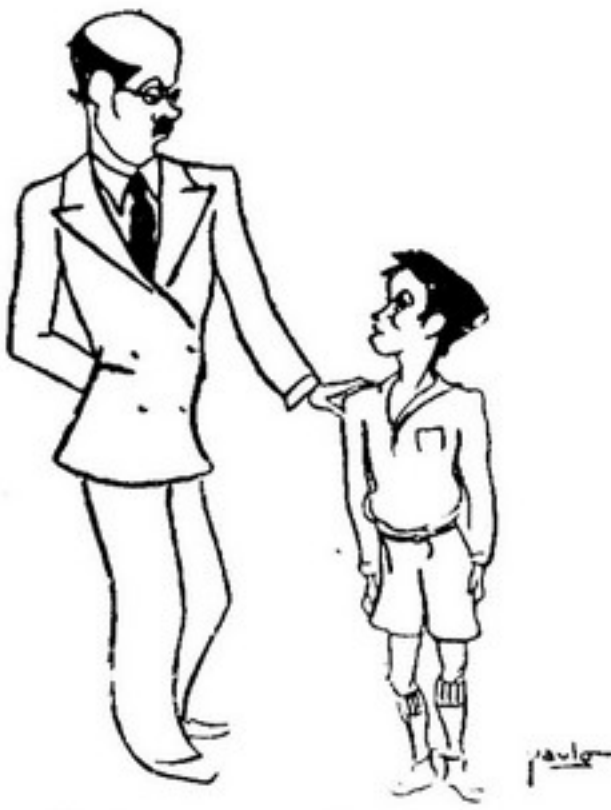
Nos intervalos dos serviços de leitaria e pastelaria também se representa!...

■ ■ ■

NO teatro Nacional deve subir, brevemente, á cena o drama *A Sereia*, com atractivos.

Silvestre Alegrim canta o solidó dos bolleiros, Maria Clementina cantará o fado da Sereia, e Robles Monteiro, na cena «isto é depar, marquem?», fará todos os esforços para ir melhor que o Mariaiva da fita!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



O professor: — O menino diz-me qual é o animal que lhe fornece o calçado?
O aluno: — É o meu pai!

Uma piada a tempo

O X. era um bom velhote. Mas, como não ha bonito sem senão, como diz o povo, o X. aliava a uma regular velhice uma mais que regular estupidez.

Acrescentando a isto que sofria de reumático e não tinha vocação nenhuma para o trabalho, temos que X. era um *optimo* funcionario publico.

Existia então o Tribunal Administrativo, onde o X. conseguiu um dia um lugar de continuo. Era presidente do Tribunal o dr. João de Meneses, figura interessantissima e a quem o X. chamava um grande jornalista — porque lia muitos jornais.

Bastante mandrião, ao que parece, o X. sentava-se na cadeira e dali não saia senão para lanchar ou ir para casa.

Ao dr. João de Meneses fazia certa confusão ver o X. ali sentado sem fazer nada todo o santo dia. Recomendou que lhe dessem que fazer, mas... sempre que entrava no Tribunal lá estava o X. sentado, a soletrar o jornal, como pessoa importante.

Valha a verdade dizer que no Tribunal não havia muito que trabalhar, mas verdade é tambem que era mister, pelo menos, fingir que se fazia alguma coisa.

Um dia, o dr. João de Meneses entrou no Tribunal e, como de costume, lá estava o X. sem fazer nada. Aborrecido mais uma vez com o facto, chamou o X.

— Oiga lá — começou o presidente do Tribunal — o senhor sabe que eu não quero vê-lo sem trabalhar?

— Sei, sim, sr. doutor.

— Pois bem. Está lá dentro um monte de jornais, não é verdade?

— Sim, sr. doutor.

— Pois como o quero ver sempre a trabalhar, o senhor vai pôr aquilo por ordem cronologica.

— Por ordem quê?!

— Por ordem de datas, homem! Mas oíhe que o quero ver sempre a trabalhar...

— Mas oh sr. doutor — voltou o X. — e quando acabar de pôr os jornais por ordem?

— Torna a desmanchar e a pôr por ordem outra vez — respondeu o dr. João de Meneses, sem se desconcertar.

Praça do Brazil S. Bento

REMINISCENCIAS...

Chamava-se na vida oficial Jonas Cristino da Faneca, mas era apenas conhecido, no bairro dos Castelinhos, pelo *Anão dos Ovos*. O povo tem destas simplicidades na sua vida pratica. Como o homunculo era um Quasimodo atarracado e mal feito, especie de tacco de pia, e tivesse loja onde apenas se vendiam ovos e de que o Jonas Cristino da Faneca se dizia dono, de sociedade com uma comadre, que era a socia capitalista, o povo, sem ser por mal, mas apenas por simplicidade de expressão e por justiça de qualificativo, chamava-lhe *tan* somente *Anão dos Ovos*. E a alcunha pegava e toda a gente o conhecia já, mais pela alcunha de que pelo nome.

Era divertido este *Anão* e constituia um tipo admiravel, recortado a canivete, nas figuras exóticas do populoso bairro. Pequenininho e gordinho, quando falava punhava em bicos de pés, e, como usava ceulos, uns grandes ceulos á Toppins, ficava uma imagem viva de um *clown* truanesco do seculo XV, sempre com o dedo indicador caracolando espirais, na força dos argumentos.

Aquilo dos ovos foi rendendo e o homem foi trepando em basofia e em não menor importancia.

A Grande Guerra ia-o fazendo novo-rico. A's noites, o pobre diabo reunia junto ao balcão da baiuca uma duzia de fregueses e, pegando no jornal, discutia com eles todos os assuntos, desde as vantagens do armistício até ás cotações da Bolsa. Os amigos, coitados, quando o deixavam a sós, com os ovos e com o jornal, diziam cá fóra uns para os outros:

— Que pena ser *anão*! Olhem que está ali um estadista!

Foram rodando os anos. Surgiram as dificuldades. A vida complicou-se. Jonas Cristino da Faneca, cada vez mais *anão* e cada vez mais Quasimodo, já não discutia: barafustava improperios contra os governos e contra os ministros, «uns burros e uns malandros», afirmava, pondo-se o mais alto que podia nos bicos dos pés, na ansia de se tornar um pouquinho maior. Um dia to-

mou de assalto, á força de sorrisos intencionais, sempre de dedo indicador caracolando enigmas por sobre as lunetas topsianas, a unica associação que possuia o bairro dos Castelinhos: a Liga Nacional dos Ovos de Galinha. E foi vê-lo então! Quando discursava, dava uns pulinhos de perú maluco, arremelgava os olhos, arrepanhava a pança um pouco hidropica e começava sempre os seus discursos por estas palavras sacramentais: «Na transcendia da vida, meus senhores, só valen os assuntos tran-rendentes». Os outros apoiavam. Até que um dia, a Liga Nacional dos Ovos de Galinha pediu uma audiencia ao ministro das Finanças, por causa do contrabando dos ovos para Espanha, «problema transcendental», como ele dizia, e que precisava uma solução imediata e urgente. O ministro, um pouco por desfastio e um pouco para se distrair dos amargos duros da sua pasta, teve a generosidade de o receber. O homem foi, lá mais inchado do que aquela pobre rã da fabula que quiz imitar o boi. E o ministro pôs-se a ouvi-lo, entre comiserativo e ironico. Que sim, que expuzesse as suas theorias, que ele ali estava para resolver o assunto na medida do possivel.

Então, Jonas Cristino da Faneca disse:

— Sr. ministro, só ha uma maneira de evitar o contrabando de ovos para *nuestros hermanos*.

Sorriu-se da sua erudição linguistica e continuou:

— E' fiscalizar a saída do produto bi-natural, que quer dizer que tem duas naturezas, a clara e a gema, do officio produtor, e apôr-lhe, ao centro da conjunção especifica, um selo especial.

E como o ministro já não conseguisse suster por mais tempo os frouxos de riso, perante a soma de dislates gravemente proferidos, Jonas Cristino da Faneca emperligou-se, fitou o ministro por cima dos seus largos ceulos topsianos e sentenciou colerico:

— Sr. ministro! Estou apto á discutir a minha teoria na Sociedade das Nações!

JOAO-JACQUES ROSSOU.



— Agente que não sabes o que precisava aquele tipo que ali está sem chapéu e bengala.
— Olha que dificuldade: dum chapéu...

Graça dos outros

Na taberna:

— Vamos, entro copo de vinho!
— Não, Alberto! Agora era o treze e eu sou supersticioso! Se me deres dois dum vez!...

O freguês: — Você já me cortou duas vezes, a fazer a barba!

O official: — Não tenha receio! Tenho a mão tintura de iodo e gaze...

A mamã: — A que brincas?
A filha: — Ao casamento! Eu sou a noiva e Marieta a madrinha.

A mamã: — E o noivo?
A filha: — Não ha! Já me divoreiei!...

A mãe: — Então o senhor gosta muito de minha filha?

O pretendente: — Com delirio!
A mãe: — E tem a certeza de a fazer feliz?

O pretendente: — Conforme o dote que a senhora lhe dêr...

Na rua:
A mulher: — Mas que selvagem! Quasi me la atropelando, e ainda me chama estúpida!

O marido: — O quê, mas ele conhece-te?...

O medico: — Não tem nada, mas é necessario que deixe a bebida!
Ele: — E eu a julgar que se arranjava tudo com uma pequena operação...

A mãe: — Está quieto, menino! Não puxes o rabo ao gato!

O Ernesto: — Eu, mamã! Mas é ele que o puxa!...

Na pastelaria:
A freguesa: — Mas que quantidade de moscas ha este ano na sua loja!

O patrão: — Não diga isso! São todas do ano passado!...
No campo:

No escritorio:
O chefe: — Tem alguma coisa que fazer esta noite?

A secretária: — Não, mas vou sair de casa...

O chefe: — Então amanhã a horas no escritorio!...



— O senhor não precisa de secretária, o meu gato a acordará.

— Sim?... Então ponha-o para as 7 e meia.



— Onde estava v. ex.ª a quando da revolução?
 — Na encosta do castelo.
 — Que horror!
 — Sim, na encosta do castelo de... Leiria.

O fim dum «record»

Aparicio da Trindade, apesar dos seus fortes cinquenta anos e pico, e de apresenta: uma saúde de ferro, tinha duas preocupações constantes: era tão agarrado ao dinheiro como apegado à vida. Custava-lhe tanto gastar dez centavos, como o horrorisava a ideia da morte. Quando estava doente, travava-se nele uma luta íntima entre aquelas duas preocupações. Mas o bom do Aparicio acabava por suportar estoiicamente a doença, sem tomar remédios nem ter de chamar o medico. Assim — dizia ele — não gastava dinheiro e tinha a certeza de que o seu lugar no cemiterio continuaria vago por muitos anos.

Quando gozava saúde, era o mais frugal possível... em casa. Quasi não comia, para não pagar. Quem pagava a casa e os outros, em casa de quem o nos o homem apreciava muitas vezes para jantar, como bem apparecio que era.

Com tais qualidades, conseguira bater o record da resistência. Resistia tão facilmente a dois dias de febre como a uma indisposição. Salvava-se tão depressa duma pneumonia dupla como duma chuva de balas, no meio duma revolução. Saia sempre são e salvo dos mais perigosos accidentes.

Mas como todas as coisas neste mundo tem um fim, o Aparicio tornou-se aborrecido de tudo, que começavam correndo em ele.

Pensou, então, fazer-se *globetrotter*. Desta maneira conseguiria ainda viver muitos anos, com a vantagem de ver terras descobertas, admirar as sete maravilhas do mundo, escrever um grande livro de aventuras e — quem sabe? — amealhar algum dinheiro. E se bem o pensou, melhor o fez.

Numa manhã de névoa, depois de se despedir dos amigos, lá partiu em busca do desconhecido.

Rolaram semanas, meses, anos. Numa manhã de névoa, também voltou a Lisboa, o mesmo Aparicio de outros tempos, mas de aspecto andrajoso e miseravel.

Um dos seus amigos, condoído da sua aparência, recebeu-o em casa, tanto mais que nesse dia festejava ruidosamente o seu aniversario.

A mesa choveram as perguntas. Cada qual queria ouvir a sua odisseia por esse mundo de Cristo. E ele contou.

Saiu pelo Algarve e entrou em Marrocos. Esteve no Riff, atravessou zonas de guerra, foi prisioneiro de Abd-el-Krim, percor-

reu o Sahará de extremo a extremo e entrou numa corrida pedestre com avestruzes. Pediu esmola, passou fomes, curtiu doenças. E nem o mais leve abalo, nem a mais pequena beliscadura. Viveu em florestas imensas; dormiu com lobos e panteras; conviveu com antropofagos. E nem um susto, nem um precalço.

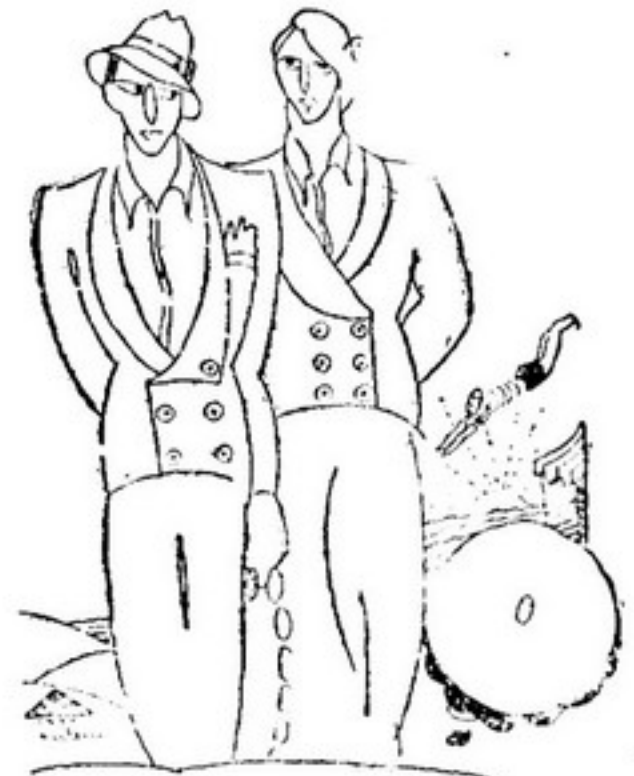
Foi á India, e caçou tigres de Bengala e chapou alto. Visitou a Italia, onde vestiu a «camisa negra». Esteve na Calabria, onde matou duas dúzias de salteadores. Admirou Paris. Atirou-se da Torre Eiffel nem para-quedas e conviveu com apaches. Andou na guerra, combatendo ao lado dos aliados contra os alemães, e ao lado destes contra os aliados. Foi á Runda e fez-se bolchevista. Atreveteu o Caucaso e subiu os Caucasos. Foi ao Japão e á China. E resistiu ás intempéries, á fome e ás guerras. Foi ao Polo Norte, onde matou um urso branco e comeu um esquimo. Passou á America. E vive na Argentina e cruzou as Pampas. Dormiu nos ranchos e montou os mais indomáveis cavalos. Percorreu o Brasil e deitou florestas. Fez jurar o «Lampião», livrando dos seus bras dezetas dezenzias e quilómetros «aimofadinhos». Depois veio á Espanha, assistindo ao desenrolar da revolução vitoriosa. E sempre tranquilo e seguro, não sofreu o menor acidente, não correu o menor perigo.

O jantar chegara ao fim. Só então, tanto o anfitrião como os convivas repararam que o Aparicio, no entusiasmo da sua épica narrativa, não tocara na mais pequena vianda.

Depois de 48 horas de abstinencia, resistia ainda, deante duma luita mesa. Todos á uma insistiram com ele para que comesse alguma coisa. Pois, sim. Far-lhes-ia a vontade, mas limitar-se-ia a comer uma «bucha». E sem pressas, antes vagarosamente, fez uma pequena *sandwich* de chourico, que começou comendo tranquilamente. Mas não pode acabar.

O glorioso, o celebre e celebrado Aparicio da Trindade, que tinha arrostado com tanto perigo, que tinha convivido com os animais mais ferozes, que se havia alimentado de frutas verdes e de carnes abandonadas nos desertos, sem um estremecimento nem repugnancia, morria, em plena civilização, por ter comido a mais innocente *sandwich* de pão e chourico, fabricados pela mão do homem.

BRAZ SERENO.



— O Paulo é um pouco a andar.
 — ... E o melhor é não ir, mas dar um passeio.

Variação do Record

Isto que o leitor vai ler, muito embora tenha succedido ha anno, assenta simplesmente na verdade, omitindo-se o verdadeiro nome dos personagens, mas conservando-se, tanto quanto possível, o cenário exacto.

O outono de 1923 chegou já muito próximo do inverno. No Chião, ao fim da tarde, começavam aparecendo as primeiras frieiras; e, nas casas de chá e nos cafés, nos cantos mais escuros e propícios a confidencias, falava-se dos ultimos escandalos e ingenuamente, preparavam-se outros...

Carlos Serrano — este nome é uma mascara propoetada... — apparecia sempre, depois das cinco horas, na Brasileira, a pontificar sobre assuntos de arte. Dizia-se conhecido de todas as modalidades artisticas, citava tenicas, autores, datas e, por verdade ou por artificio, conseguia ocupar a secção artistica de um grande rotativo.

Mas veio uma tarde em que Dona Fatalidade teve a péssima ideia de pôr á prova a cultura de Carlos Serrano e, contra o que era de esperar, o resultado foi deploravel, como vão ver.

Estava Carlos Serrano sorvendo o seu terceiro café vespertino, quando se lhe aproximou o doutor Z., possuidor de invejavel fortuna e de uma preciosa galeria dos mais celebres autores. Cumprimentaram-se. E logo o doutor Z., supondo dar uma noticia agradável ao critico de arte, disse-lhe:

— Gastei hoje, meu amigo, mais de metade da minha fortuna, mas estou contentissimo.

— Comprou algum palacio?
 — Não. Comprei um Velasquez, um Murillo e um Goya.

O critico de arte, assaz surpreendido, de boca aberta, então, perguntou:

— Mas diga-me, doutor, para que precisa de três marcas de automoveis diferentes?

... ..
 Agora, o critico de arte Carlos Serrano é portador de uma fabrica de sapatos...

PONCIO PILATOS.

Elevador da Gloria

Um judeu tinha caído a um poço. Um catolico, para o salvar, foi buscar uma escada.

— Não, não — disse o judeu — não quero subir pela tua escada. Hoje é sabado.

E lá ficou na agua. No dia seguinte, o seu camarada foi saber como ele se achava, com uma noite tão fresca.

— A escada! — exclamou o judeu. — Triz-me depressa a escada!

— Deus me livre disso! — exclamou o catolico. — Não sabes que hoje é domingo?!

* * *

O pai: — De onde vens, malandrico, a esta hora?

O filho: — Foi por culpa duma velha que perdeu cinco tostões!

O pai: — E o que tem uma coisa com outra?

O filho: — Sim, papá! Eu tinha um pé em cima da moeda!...

* * *

A mulher do astrónomo: — Só te recuperas com os teus aparelhos! Nunca pensas em mim!

Ele: — És injusta! Lembrei-me agora mesmo de ti, observando a urso maior...

* * *

Ela: — Dizem que os beijos são a linguagem do amor.

Ele: — Queres que «falemos» um pouco?...

* * *

Entre amigos:

— Cheguei a uma situação tão precaria que não tenho com que comprar tabaco!

— Deves sofrer muito!

— Nem por isso! Não fumo!...

* * *

João: — Posso confiar-te um segredo?

José: — Podes

João: — Tenho necessidade de 500 mil réis!

José: — Conta com a minha discreção. E' como se não tivesse ouvido nada!...

* * *

Ele: — Não me casei com toda a tua familia, mas apenas comtigo!

Ela: — Naturalmente. Na minha familia só ha uma louca: eu!

* * *

— Ouve, papá... Tu dizes que eu nasci em Paris?

— Sim, meu filho.

— Então, como conseguimos encontrar-nos todos três?



— Foi a primeira vez que me viu a minha querida o meu saudoso amigo...

Cacharolete

Contra a pena do silencio que ha na Penitenciaría vai um alarido «imensio» de gente numerosa e vária.

Cá po: mim, digo que «pensio» esta coisa extraordinária: cue se é de oiro o silencio, esta gente é perdularia...

Ouvi o Lino, o Florencio, a Associação Boticaria, os jornalistas — e pense-o algum se é desnecessaria

a intervenção do «ensio» na condenação sumaria que é a pena do silencio lá na Penitenciaría!

Deixai ouvir e falar quem da vida está banido por: cada qual pode dar com um destino parecido...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Taboletas de Lisboa

Em nome do meu sexo masculino peço e protesto! Mas quem lá o risto, porque este assunto é fino e superfino...

Eu tenho andado ha dias, como bom pescador nas aguas turvas, para apanhar nas curvas algumas taboletas mais... vadias, que se dizem, reinadas. E va que, por azar, deu-me para emblear com uma, duas, com sapatarias. Não é que eu tenha gana aos sapatarios, que enfim são gente boa, mas é que ando em procura de letreiros para estas «Taboletas de Lisboa».

Ora o caso é banal, mas, bolas, brada aos céus! Sapatarios, aqui na capital, a venderem chapéus! A taboleta diz: «Sapatarias», e vem a ser também chapelaria. Isso não! Muitos não, embora este plural não se conheça. Metem-se os pés as vezes pelas mãos, mas os pés na cabeça são cousas que desgostam e provocam. Sei, por ouvir contar, que os extremos se tocam... Mas não vale abusar, pois pode succeder que qualquer dia, numa sapataria, um freguês appareça abstrato e leviano, que entre uns bens sapatios na cabeça e calce um chapéu mole por engano...

ANTONIO AMARGO.

Par ou impar

Policarpo Figueiredo, de Meigil, o conhecido também p'lo «Brasilero», Apesar de ser bronco era ricoço. Pois que tinha fazendas e dinheiro.

Certa vez por instancias da mulher, resolveu-se a comprar uma condada. Dess a modernas, visto ser mulher. Mostrava em toda a parte um lenço.

Mas depois de a pagar, algo intrigado, Reparou numa chapa da trazera. Onde apparecia o nome huminado desta palavra, «topa», que é estrangeira.

Embarracado, indaga com fervor. Pedindo para alguém isso explicar. Até que o mul gentil forneceu. Define, então, que só quer dizer «par».

O numero do carro era bem alto, Julgo que vinte mil e vinte e três. E por isso este parvo, em sobresalto, Mostrou a sua crassa estupidez.

— Ora essa! — vocifera, arreliado—. Isso amigo, será só p'ra trocar?!... O que na chapa vejo bem gravado Visto que acaba em três, nunca foi par.

Afinal os meninos sabem mais, Pelo menos distinguem na gramatica. Os verbos e também os numerals.

E quem fôr parvo, como este ricoço, e Muito rico também em doze senátias. Sempre se mostrará como um palhaço.

ALEXANDRE FILIPE SETTAS.

HISTORIETAS

A NASCIDA

Miquelina Borrego era uma rapariga muito ingenua. Tão ingenua, coitadinha, que, quando casou, aos 20 anos, ainda acreditava que os meninos vinham de França, porque assim lh'o afirmava a sua austera tia, senhora de cinquenta anos virgens, devota, carrancuda e feia, o que justificava plenamente que «ninguém tivesse nada que lhe dizer», como ela se ufanava.

De fórma que o Xavier Borrego, seu consorte, ficou radiante quando, tendo decidido consorciar-se, topou com a muito ingenua Miquelina numa casual apresentação em casa de amigos comuns.

Simpatizou com ela logo ao primeiro encontro e ficou tão deliciado com o rubor da menina, denunciador dum candura invulgar nos tempos de hoje, que disse para consigo:

— Esta é que me convém. Com uma mulher assim, não ha perigo...

Pediu a sua mão e casaram sem demora. E o Xavier exultou de contentamento ao notar o delicioso enleio da ingenua Miquelina, na noite de nupcias.

— Não, filha, não é assim... E a Miquelina seguiu com obediencia todas as instruções que ele lhe deu. Só houve uma coisa que ela recusou fazer: foi tirar a camisa...

Tempos depois, o patrão do Xavier, que muito o estimava por ele ser um empregado exemplar, destes que não tem horas de saída embora as tenham de entrada, mandou-o ao Porto entender-se com uns clientes relapsos e ultimar uma transacção de vulto. Ele, patrão, não podia ir porque tinha, por um lado, a esposa «para toda a hora» e, por outro, uma amiga disposta a passar-lhe as palhetas se ele não estivesse pelos ajustes de lhe dar uns cinco «quilos» bem posados.

O Xavier comunicou á ingenua Miquelina — a sua bonéquinha, como ele lhe chamava — que ia ausentar-se do lar conjugal por uns quinze dias, em serviço do patrão, noticia que ela recebeu ruborizando-se, como sempre lhe acontecia a proposito de tudo e de nada.

— Vou ficar aqui sózinha! — lamentava-se ela.

O Xavier gostou daquela attitude e sorriu-lhe com ternura.

— São só quinze dias meu tesouro. Recomendando-te que saias bouco e que não penses senão em mim. Eu farei a mesma coisa a teu respeito.

Depois, lembrando-se que, com tanta ingenuidade, ela ficava exposta a todas as possiveis tentações, disse-lhe ainda:

— Eu sei que tu es incapaz dum mau passo, mas sempre quero prevenir-te de que, se o fizesses, eu sabia-o logo, por mais longe que estivesse, porque me vinha uma «nascida» á testa...

— Crédo, Xavier, isso era um grande pecado! — disse ela, persignando-se.

Completamente socegado a tal

respeito, o Xavier beijou a esposa e abalou para a estação.

O Aniceto Salgado, primo direito da Miquelina, era um mariolão de vinte e dois anos que frequentava o «Técnico» e que não era mesmo nada indiferente aos encantos da priminha. Vezes sem conta lhe tinha beijado a bequilha vermelha, atrevimento que a fazia corar muito e bailar pudicamente os olhos luminosos e meigos, repreendendo-o docemente:

— O primo é tão atrevido! E não «mexilhão»!

Na opinião do Aniceto, o Xavier era um asno. E quando soube que ele estava para o norte por alguns dias, disse com os seus botões:

— Não se é impuramente «Xavier» desde a nascença... Vamos a isto...

E foi visitar a prima, decidido a brincar com ela aos casados, não como outrora, quando eram meúdos, mas de uma forma mais pratica, com um «saber de experiencia feito», segundo a frase do épico imortal.

E de tal fórma se houve a convencência que Miquelina dizia, como ultimo recurso:

— Não, Aniceto, o que me pedes não pode ser, por causa da «nascida» do Xavier...

E contou-lhe a prevenção do marido. O Aniceto fartou-se de rir e, mostrando-lhe o exemplo de outros casais, jurou que isso da «nascida» era uma treta do Xavier para lhe meter susto.

Então, Miquelina, meio convencida, afrouxou a resistencia que «punha á eloquencia do primo.

No decimo quarto dia depois da partida do Xavier, comunicou ele por carta:

«Chego amanhã. Vai esperar-me á estação. Imensas saudades. — Xavier.»

Miquelina, antes de sair de casa, ajoelhou diante da Senhora das Dóres e rogou-lhe, mais uma vez, que fizesse desaparecer, por milagre, a «nascida» da testa do Xavier, se o aleijão acusador teimasse em vir á superficie. Em troca desse favor enorme, daria uma vela da grossura do seu braço e com duas vezes a sua altura.

Quem sabe se o Aniceto teria mentido? E, com o crédo na boca, dirigiu-se á estação, pediu um bilhete de «gare» e aguardou.

A hora da tabela chegou o comboio, vomitando fumo espesso e negro e parecendo querer esmagar tudo na sua frente. Miquelina lobrigou immediatamente o Xavier, sorrindo-lhe, a uma das janelas. E, quando o monstro parou e ele desceu, com os braços abertos para a receber e amimar, ela correu para ele e a primeira coisa que fez foi tirar-lhe o chapéu e examinar-lhe a testa.

Em seguida, já socegada, sorriu e censurou-o meigamente:

— Seu mentiroso! A dizer que nascia... Não nasceu nada!

Jotacê.

Noticias do dia

Desastre a bordo

PARIS, 34. — De bordo do vapor *Incuria* telegrafam participando que o celebre grupo *Jota Aragonesa* caiu ao mar pelas alturas do Equador. Do vapor pediram immediatos socorros, que não foram prestados por não serem precisos porque uma *Jota* a mais no oceano não é nada.

A caminho de Atrica

Partiu ontem com destino a Loanda, onde vai exercer as funções de degredado em possessão de primeira classe, o conhecido profissional de gatuno Isidoro Rocha, mais conhecido pelo *Alfate*, por já em tempos ter exercido a profissão de apontador das obras publicas. Boa viagem.

Do Estrangeiro

As eleições em Inglaterra

LIVERPOOL, 21. — O conhecido proprietario de fabricas de conserva Harry Brut foi eleito por esta cidade pelos conservadores, por uma maioria muito grande.

A maioria esmagadora

LONDRES, 21. — Ontem, num dos circulos eleitorais, quando se procedia á contagem de votos, a urna que continha os votos dos conservadores, que tinha uma grande maioria, caiu desastradamente sobre dois deputados trabalhistas que assistiam á contagem. Os dois deputados ficaram esmagados pela maioria conservadora.

O pacto de não agressão

BERLIM, 26. — Comunicam da Russia que, durante a conferencia para elaborar o pacto de não agressão, os assistentes á conferencia se agrediram mutuamente, não se tendo registado, infelizmente, nenhum individuo em estado grave.

Porque não prendem o Lampeão

RECIFE, 37 1/2. — Já se descobriu qual a razão porque não se consegue prender o celebre bandido *Lampeão*. O *Lampeão* consegue sempre escapar á acção da policia porque anda apagado, motivo porque o não veem.

Na Provincia

Não podemos publicar hoje a nossa habitual reportagem do Porto por se encontrarem avariadas as linhas telegraficas do Faro.

Pai com maus ligados

VILA VELHA DE FOSCOA. — Um individuo de nome José Serrano matou a sacholada vinte e três pessoas, sendo duas delas maiores e vacinadas. O crime foi premeditado porque o Serrano tinha ido na vespera comprar uma porção grande de arsenico, que depois deu aos ratos. O assassino, que anda a monte, é pai do sr. Liberio Serrano, proprietario hipotecado.

Desastre numa pedreira

COVILHA. — Ontem, numa pedreira, deu-se um grande desabamento, não tendo havido felizmente desastres pessoais a lamentar, o que causou profunda consternação na população.

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua de S. Paulo, 71 - LISBOA

Sempre sortes grandes



— Que terá a mulher do Sousa que tem a cabeça ao lado?
— Nada; chumbou ontem um dente! L' do peso.

O ladrão burlado

Um pobre vagabundo confeccionado por Maltês conseguiu arranjar um dia uns cobres e foi comprar a um talho uma pequena porção de fígado, manjar que ele muito apreciava.

Comprou o fígado e ia seguindo muito contente pela rua fóra, pensando já de antemão no prazer que iria gozar comendo o fígado, quando dele se aproximou um amigo, também como ele empregado em vagabundagem.

O Maltês não se conteve que não dissesse logo ao amigo que levava ali um bom pedaço de fígado, que iria já para casa fazê-lo que lhe iria saber melhor que o melhor manjar celeste.

E como vais fazer isso?

Ora, como ha de ser?! Como fazem todos os fígados: em is-

Ora, filho! Eu tenho uma maneira de fazer o fígado muito me-

Então ensina-me!

E o amigo ensinou ao Maltês qual a melhor maneira de cozinhar o fígado.

Depois disto, teve ainda que escrever num papel toda a receita e cozinhou, porque o Maltês era um pouco esquecido. E seguiu cada um para seu lado.

O Maltês deliciava-se já com o delicioso fígado que ia fazer conforme o processo ensinado pelo seu velho amigo. Rua fóra, pensando também em varios problemas da politica internacional, nas eleições inglesas, na excursão a Madrid organizada pelo *Diario de...* o bom do Maltês não reparou num cão que perto o seguia pronto a ferrar o dente no pedaço de fígado que ele levava enfiado na mão.

A certa altura, o cão aproximou-se mais e, vendo que era chegada a altura, deu um salto e roubou-lhe o fígado. Nos primeiros momentos, o pobre Maltês ficou parvo, porque viu num momento destruidos todos os prazeres sobre o delicioso manjar que ia saboreando, mas, vendo que o cão corria a bom correr, com o pedaço de fígado na boca, consolou-se e disse-lhe, gritando muito:

O cachorro do diabo! Tu roubaste-me o fígado, mas não me roubaste o papel com a receita e o roubado foste tu, porque não sabes como é que o has de fazer!

MANOEL DUQUE.

As boas contas...



— Ele pediu-me um beijo, disse-lhe que não se dava.
— Então, não se dá?
— Não se dá, mas se dá a quem se dá.
— E a quem se dá?
— Trocamos os beijos, eu dei-lhe um e eu dei-lhe outro.

No restaurant



— Afinal isto é café ou chá?
— Vou perguntar ao cosinheiro.

DESSPORTOS

O vicio da bola

É uma verdade incontestável, a bola, para muito bem vivente, para aqueles a quem, com propriedade, podemos qualificar de *furiosos*, é uma preocupação dominante, e verdadeiramente um vicio.

Conhecemos pessoas que se ajeitam com a bola, que se levantam a pensar na bola, que amocam bola, que passeiam bola, que jantam bola e que se deitam com a bola. Este é mesmo um dos terríveis vicios dos modernos tempos.

Bola! Bola! Palavra magica a dominar milhares de pessoas, homens e mulheres, velhos e novos. Quando as categorias dum club jogavam todas no mesmo campo, havia fiel afeiçoado que caminhava para o terreno de jogos logo ao dealbar, para só o abandonar ao anoitecer.

Bola! Bola! Palavra de magia que a muitos — pobresinhos! — tudo faz esquecer.

Conhecemos pessoas que se temem arruinado por causa da bola!

Pois se ainda existem individuos que não jantam quando o seu club perde!

Bola! Bola! Que flagelo! Que vicio! Que tormento!

Em toda a parte, nas ruas, nos

cafés, na nosa propria casa, não se ouve falar noutra coisa senão na bola.

Conhecemos dois irmãos que outro dia se envolveram em desordem por causa da bola.

Um deles é *leão*, o outro é *aguia*. Em gria de *foot-ball*, quer isto dizer que um é socio do Sporting e que o outro faz parte do Bemfica.

E afinal de contas, para quê, tanta luta? Para quê, este vicio?

Se a bola, tal como está a ser encaminhada, nada de util lega á sociedade?

* * *

O Bemfica mudou a sua sede da rua Capelo para o largo do Fessio, mesmo por cima da Casa das Meias e ao lado da Loja Modelo, pertença do desportista Virgilio da Fonseca, que tem sido um incansavel amigo dos *vermelhos*.

Consta-nos que Virgilio da Fonseca vai mudar de loja.

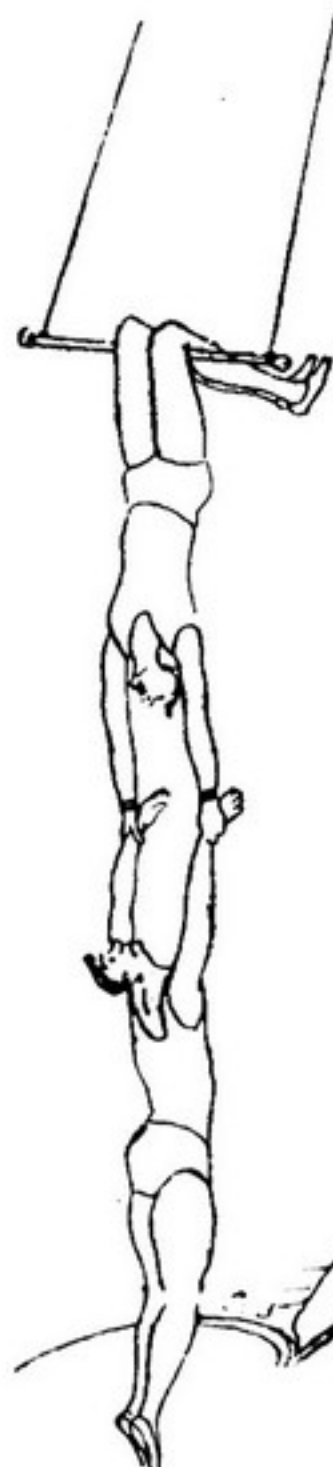
Porque, sempre que um *vermelho*, a caminho da sua sede, passa pelo estabelecimento de Virgilio, não se escusa de lhe dirigir um amigavel cumprimento...

JONICA.

Os espelhos do Capitolio



— Foi um grande amor... não se dá a quem se dá...
— E a quem se dá?
— Trocamos os beijos, eu dei-lhe um e eu dei-lhe outro.



— A proposito... O que fazias tu esta manhã com minha mulher no meu quarto de cama?...

IGUALDADE

O Policarpo Sardinha, quando caiu nas sortes, fez todos os possíveis e impossíveis para se eximir ao serviço militar, não conseguindo, apesar de toda a sua astucia, fugir ao cumprimento do dever.

Apurado para a arma de infantaria, foi incorporado com o numero 111 na 11.ª companhia do regimento de infantaria 11.

Durante o tempo de recrutamento, tudo correu ás mil maravilhas. Logo que foi dado pronto da instrução, começou a ser escalado para guardas e fachinas, principiando então a cometer varias faltas que lhe mereceram os primeiros castigos.

Como o mau em tudo é uma questão de principio, decorridos alguns meses o Sardinha era um correccional consumado.

Apesar dos officiais do regimento lhe dispensarem uma certa protecção, sendo por vezes bastante benevolos, não evitavam que volta e meia se fosse encontrado o 111 na prisão do quartel. Sucede que a ultima vez que o heroi deste conto se achava á sombra, era arguido de haver extraviado varios artigos do uniforme, pelo que tinha pendente um auto de corpo de delicto.

Um dia, ao distribuirem-lhe o rancho — massa guizada — em vez da competente tora coube-lhe um osso completamente descarnado, admiração de alguns camaradas que presenciaram o facto. Porém, O Policarpo calou-se, ante a dai a dias, mostrava o prisioneiro um grande interesse em ser presente ao comandante do regimento. Tanto pedidos fez nesse sentido que, corridas as praxes usuais em casos desta natureza, conseguiu o seu intento. E uma vez na presença do comandante do regimento, este perguntou-lhe o que desejava.

Aproximou-se o soldado a desembrulhar um osso e, ostentando-o, disse muito serenamente:

— Venho pedir a v. ex.ª que se dê ao meu camarada... que se dê a todos os artigos do uniforme.

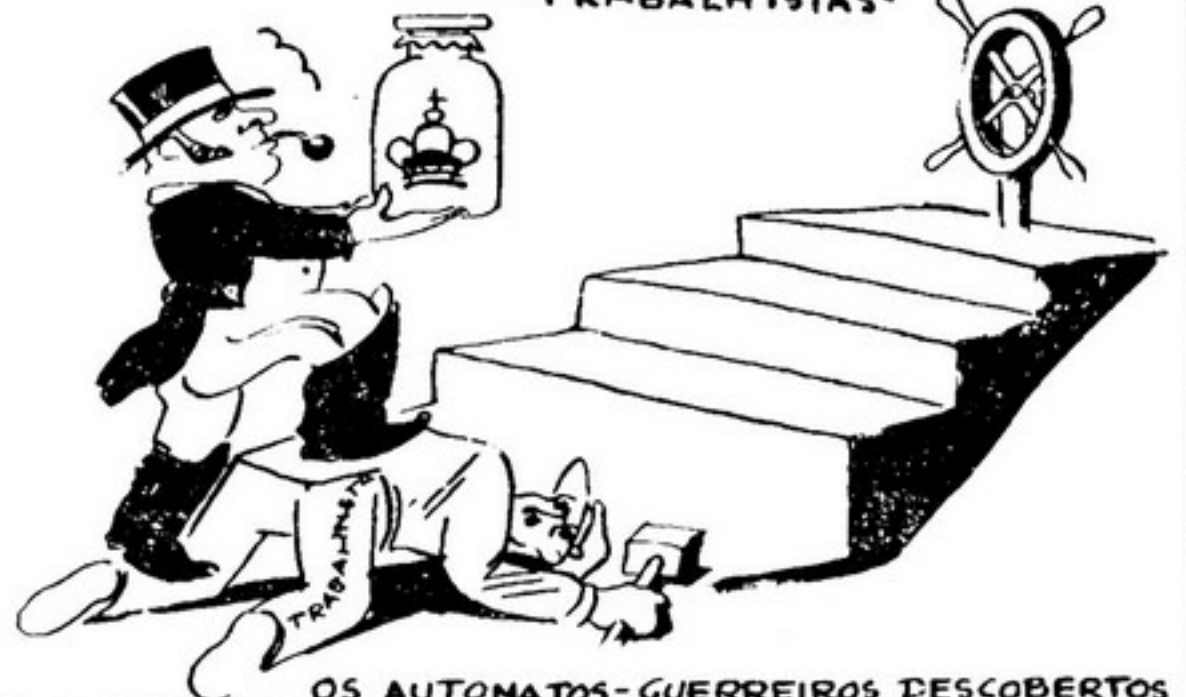
POIVRE.

OS DA SEMANA

VIVA O PORTO! VIVAM OS TRIPEIROS!!
 ABAIXO OS MIKOR DEIROS!!
 SEGUNDO TENNYSON E BAUER
 - O UNICO VINHO QUE SE NÃO BEBE COME-SE



OS TRABALHISTAS COM A SUA FORÇA ABRIRAM O OLHO AO CONSERVADORES ACABANDO POR LHEZ SERVIR DE DEGRAU PARA SUBIREM AO GOVERNO - CONCLUSÃO GANHARAM OS 'TRABALHISTAS'



A PEREGRINAÇÃO DO "DIARIO DE LISBOA AO ORIENTE" COM O RESPECTIVO MATERIAL DE VER FICHE PAR-TAMBEM VAI UMA APALPADEIRA.



OS AUTOMATOS-GUERREIROS DESCOBERTOS NA AMERICA PARA A FUTURA CONFLAGRAÇÃO. NÃO TEEM CACHÓLA PORQUE QUANTO MAIS ESTUPIDOS MELHOR FAZEM A TROLHA...



OH! UMA SENHORA NUM CAFÉ EA BEBER CAFÉ! QUE COISA TÃO EXQUESITA! "PARECEMAL"



GAGO COUTINHO NAS PALMINHAS DE LAS PALMAS ENTRE PALMAS E PALMEIDAS FOI-NOS PALMADO UM PALMINHO...



... E AS BATALHAS NAVAIS JÁ SE TRAVAM DESTRAVADAS DESDE AS ENTRANHAS DA MÃI AS ENTRANHAS DO ALÉM!...

